

ARGUMENTOS FILOSÓFICOS SOBRE DEUS COMO CRIADOR^{1,2}

Luiz Carlos Lisboa Gondim³

RESUMO

Nessa reflexão estudaremos a diversidade de argumentos filosóficos sobre Deus como Criador. Nosso intuito é reafirmar os valores cristãos em meio a sociedade materialista em que vivemos. Há, hoje, um descrédito generalizado, especialmente nos meios científicos, sobre a ideia de Deus como criador, contudo muitos admitem o caráter intrigante da pesquisa, por mais simples que ela seja, em torno da origem de tamanha beleza, perfeição e complexidade que a natureza nos apresenta. Daí a importância de se refletir sobre tal temática.

Palavras-Chave: Teologia. Filosofia. Criacionismo.

¹ Artigo publicado pela primeira vez no livro “Criacionismo no Século 21”, organizado por Wellington dos Santos Silva, editora eSALT, em 2013.

² Pesquisa realizada em um grupo de estudos composto pelos seguintes acadêmicos do curso de Teologia do Salt-IAENE-BA: Carlos César, Diego Ramos; Dílson Gomes, Edcarlos Virgolino; Henrique Freitas, Jonatas Licnerski; Luciano Manica, Regis Migliorelli; Rhomas Figueiredo e Robson Nakahara.

³ Graduado em Filosofia pela UNICAP, Teologia pelo SALT-ENA, Pedagogia pela FACHO, Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela UCSAL e professor de Filosofia no curso de teologia do SAT-IAENE.

INTRODUÇÃO

Embora a maioria dos filósofos tenham alguma crença em Deus, seus conceitos de Deus são bem variados. Basicamente há cinco abordagens diferentes de considerar a Deus: (1) O teísmo sustenta a existência de um Deus que está tanto além do mundo como imerso nele, sendo, ao mesmo tempo, transcendente e imanente. (2) O deísmo acredita que Deus está além do mundo, mas não dentro do mundo sendo apenas transcendente, mas não imanente. (3) O panteísmo acredita que Deus está no mundo, mas não além dele – Deus é o mundo, está imanente no universo, mas não transcendente sobre ele. (4) O panenteísmo sustenta que Deus está no universo assim como a alma está no corpo, ou seja, o universo é o corpo de Deus e Deus é a alma do universo. (5) O deísmo finito acredita que Deus está além do universo, mas não no controle supremo dele. (GEISLER E FEINBERG, 1996).

No olhar de Sarmiento (2001), Deus é a divindade Excelsa e Superior, revelada ao homem pela natureza e percepção dos sentidos interiores e também pela Sua Palavra Sagrada.

Na Bíblia De Estudo – Palavras-Chave – Hebraico e Grego (2009), Deus é uma entidade singular (Dt 6:4; Is 45:5,6; Jo 17:3) ou plural (Gn 3:22; Is 6:8, Jo 10:30). A palavra hebraica para Deus é Elorim, um substantivo plural e em Gn 1:1 esse termo é usado concordando, gramaticalmente, com o verbo no singular, *bará* (criou).

Por outro lado, pensar criacionismo nos obriga a considerar a criatividade no seu sentido mais amplo, pois diante dos homens, por mais céticos que sejam, estão formas, cores e mensagens que tocam a alma dos crentes e dos mais frios pesquisadores.

De acordo com a maioria das religiões, a criatividade é uma prerrogativa divina. Segundo o empirismo, os seres humanos só podem juntar ou combinar elementos pré-existentes e nunca moldar algo verdadeiramente novo. O materialismo emergentista sustenta que a criatividade é universal na natureza e na sociedade. Mas, como nega o sobrenatural, seu criativismo é não criacionista. (Bunge, 2006)

Por outro lado, Mata (2005), no Dicionário de ecologia, diz que criacionismo é uma hipótese judaica cristã da formação do mundo e seus organismos em seis dias. No sentido metafísico e cosmológico, a palavra criacionismo designa a concepção segundo a qual Deus produziu o Mundo do nada. (AURÉLIO, 2008). Na antropologia cristã defendida por Grenz (2000) o criacionismo é a teoria de que Deus cria diretamente a alma da pessoa. Em Schlesinger (1995) é uma doutrina religiosa que defende a criação imediata de uma alma humana para cada homem que nasce.

É interessante nesse ponto inicial de nossa argumentação expor algumas teorias sobre a interpretação da criação do mundo, por Deus, em seis dias, pois o questionamento sobre o tempo necessário para criação tem servido de base em inúmeros ateístas que combatem a ideia de um Deus Criador. A teoria do dia pictórico

afirma que os seis dias mencionados no livro de Gêneses são os seis dias durante os quais Deus revelou a Moisés os eventos da criação. A teoria do hiato afirma que Gênesis 1:1 descreve uma criação original que foi seguida pela queda de Satanás e pelo grande juízo, supondo que Gn 1:2 seja uma descrição da recriação ou restauração que ocorreu. A teoria do dia intermitente afirma que Deus criou o mundo em dias literais, os quais são separados por longos períodos. A teoria do dia-era afirma que a palavra *iôm* (dia) é usada para se referir a períodos de extensão indefinida de tempo e não dias literais. Contudo, a teoria do dia literal aceita o significado claro do texto: Deus criou o universo em seis dias literais, pois a expressão “dia e noite” indica dias literais (Em Dn 8:14 a mesma expressão em hebraico é traduzida por “tardes e manhãs”). Por sua livre e espontânea vontade, e por seu poder absoluto, Deus chamou o universo a existência criando-o a partir do nada. (BÍBLIA DE ESTUDO - PALAVRAS CHAVE - HEBRAICO E GREGO, 2009).

A essa altura podemos iniciar as reflexões sobre a natureza e sua origem do mundo em Deus - uma questão vivenciada já nos primórdios da filosofia com os primeiros filósofos gregos.

DEUS COMO CRIADOR EM FILÓSOFOS DA ANTIGUIDADE

A proposta da existência de um projeto na natureza vem desde os tempos remotos e era comum entre muitos filósofos gregos. Platão acreditava que o Universo havia sido criado de acordo com um plano racional e apontava para um criador como a origem da informação existente no projeto encontrado na natureza. Esse projeto era a preocupação inicial no pragmatismo sistemático dos pré-socráticos (LOURENÇO, 2007). Platão (2006) na sua obra a República descreve que Deus é o princípio criador do Universo, do mundo e dos homens. As ideias, diz ele, são imortais, eternas e indestrutíveis, pois são de origem divina e pertencem ao seu Deus criador.

Além disso, na sua obra Apologia de Sócrates, Platão (1997,) argumentando contra as crenças pagãs populares, exigiu que fosse excluído qualquer sinal de imperfeição, apreensão ou alteração do conceito de Divindade. Ele afirma também que Deus, e não o homem, é a medida mais elevada de tudo, o Criador de tudo, o Artista do universo, o Espírito eterno que muda a aparência da matéria de acordo com o seu pensamento.

Bornheim (1973) revela que Anaxágoras (500-427 a.C.) apresenta Deus como a mais pura razão, onisciente e onipotente e que, essa razão, por ser uma essência espiritual onipresente e onipotente traz tudo em perfeita ordem e é o único capaz de criar o mundo do caos original, do vazio obscuro e ilimitado que antecede a geração do mundo. Esse autor também revela a declaração de Xenofonte (570-466 a.C.) de que Deus é todo visão, todo pensamento, todo audição, habita eterna e imutavelmente e com Seu pensamento governa tudo sem dificuldade.

Deus, no olhar de Aristóteles, é o início de todo o mundo, o começo do movimento

do universo, o Primeiro Ativador Imutável, a fonte do movimento e da ação no universo. Ele é a Essência eterna, toda perfeita, o início e o centro da ação, o movimento e a energia. Ele é inatingível, incompreensível, autocriador. Ele é a razão puríssima, livre de qualquer materialidade e vivendo na mais intensiva atividade intelectual da própria-contemplação (ARISTÓTELES, apud BORNHEIM, 1973). Reale (1994) amplia ainda mais a visão de Aristóteles sobre Deus, argumentando que Deus é um Ser que deu início a tudo; criador que subsiste por si só; Senhor de vida ótima, eterna.

Plotino (2010) ecoa, embora com um argumento incompleto e carente de maior profundidade, afirmando que o Universo, ordenado em sua massa material, existiu e sempre existirá tendo como causa permanente a vontade de Deus.

Igualmente, continua o mestre de Porfírio, o nome que deve ser atribuído a Deus é o de Uno, causa de todas as coisas, por demonstrar inequivocamente a diferença existente com tudo o que vem depois dele. Ele é o Bem. É o que É - Incognoscível porque tudo transcende até mesmo a criação. (PLOTINO, 1930).

DEUS CRIADOR EM FILÓSOFOS DA IDADE MÉDIA E MODERNA

Na Grécia antiga, pensadores buscavam explicações para a criação. Posteriormente na Idade média e moderna, diversos filósofos reforçaram a teoria de Deus como criador. Temos em Agostinho, Tomás de Aquino e Descartes, argumentos plausíveis que sustentavam suas teorias em bases racionais.

Agostinho (2002) foi um defensor árduo da ideia bíblica da criação. No seu olhar o mundo teve um início e foi criado de forma proposital e a partir do ex nihilo, no contexto de um Deus preexistente.

Segundo Mondim (1997), Agostinho apresentou o Criador como aquele que é o primeiro, que tem originalmente as medidas; aquele que tem o peso das coisas que existem; que é o fundador e que deu origem a tudo.

Para o patrono da ordem religiosa agostiniana, Deus está presente em todas as coisas, em algumas de maneira mais perfeita, em outras de um modo menos perfeito; no entanto, jamais está presente de um modo tão perfeito que se identifica com a sua essência; do contrário, o ser faria parte da definição da essência de todas as coisas, o que é evidentemente falso. Diferentemente, as coisas recebem o ser de outros, e, retrocedendo na série das causas, é necessário chegar a alguma coisa cuja essência seja constitutiva do próprio ser, pois do contrário se deveria retroceder ad infinitum. (AGOSTINHO, 2002).

Mondim (1997) revela ainda que Agostinho vê o mundo como uma mulher grávida, que traz dentro de si a causa de todas as coisas, de todos os tempos e essa cauda está ligada a um primeiro movimento, o qual tem alguma mola propulsora, algo que deu o início - o estopim para o desenvolvimento das demais. O filósofo define essa mola

propulsora como Deus.

Outro argumento é o de Aquino (2004) - chamado de teleológico - nele Aquino chama a atenção para as coisas que observamos na natureza - desprovida de inteligência - mas funcionando de maneira ordenada e com propósito como uma evidência de um plano intencional no universo. O acaso, diz o filósofo escolástico, não pode dirigir nada, portanto, Deus é o ser inteligente e criador que dirige todas as coisas para o seu fim.

Esse Ser perfeito, que não pode ser imaginado como não existente, carrega consigo, tanto a categoria extensão com a categoria sensação e isso constitui um forte embasamento ao seu atributo de Criador. Deus é um ser imutável, infinito, que independe de qualquer outro. Dele saíram todas as coisas, todas foram criadas por sua ação. Como originador de todas as coisas, Deus pode ser visto em tudo. Todos os seres vivos procedem dele. Pela contemplação de tudo que a natureza é em geral, pela sua ordem e pela disposição estabelecida, não se pode pensar nada, como fonte criadora, senão em Deus (DESCARTES, 2000).

Com Descartes (2000) emerge também a ideia do artesão - aquele que idealiza, pensa, e então desenvolve sua obra, na qual integra verdadeiras obras de arte. O filósofo da razão pergunta: E como ele fez tudo isso? Como pode desenvolver uma obra tão bela? Ao comparar o artesão com Deus, Descartes arremata dizendo que o primeiro produz uma bela obra, mas Deus, o soberano criador, sem dúvida, cria as mais magníficas, pois Ele mesmo fez o artesão e deu inteligência para que este faça a sua obra. Esse filósofo acreditava em um Ser maior, perfeito, acima de todos que havia. No seu olhar a existência de Deus não se prova apenas pela natureza, por razões naturais, mas pelas Escrituras Sagradas. Ele reconhece assim, que é possível provar a existência do Deus criador através dos conhecimentos claros que as Sagradas Escrituras trazem ao leitor e que aqueles que não se apropriam deste conhecimento são considerados ignorantes. Por esse viés, sustenta Descartes, há argumentos suficientes para provar que Deus é o criador.

Para Leibniz (1988) a fé não é necessária para perceber Deus, mas sim a razão. Em sua argumentação filosófica afirma que a possibilidade de conhecimento é dom de Deus e através desse dom divino é possível conhecer esse Ser que tudo move sem ser movido. Todas as coisas que têm sua razão última, diz o filósofo, convergem para uma razão suficiente, que subsiste por si própria, sem dependência de outrem. Leibniz defende ainda que no Seu intelecto está contida toda a forma de existência possível, caso contrário - se a mente divina não existisse - certamente estaria presente o nada, e algo estaria impossibilitado de vir a ser, mas o fato é que a organização do cosmos, a constituição dos seres, os mínimos detalhes que permitem uma ordem no universo se devem ao controle mental desse ser divino.

O intelecto de Deus é, com efeito, a região das verdades eternas, ou seja, das ideias das quais tais verdades dependem. Sem o intelecto divino, portanto, nenhum real estaria contido no possível, e não só nada existiria, mas nada poderia jamais vir a existir (REALE,

2006)

Sproul (2002) revela que Kant e Hume concordavam que o mundo está cheio de sinais claros de ordenação e propósito, que a busca da ordem implica em um ordenador. Esse autor insiste que Kant não nega a existência de um Deus criador, o que ele nega é que a existência desse Deus possa ser provada racionalmente.

Na verdade a abordagem de Kant (2002) sobre o Deus moral criador é concebida como um postulado da razão prática pura. No seu entender o Deus criador não pode ser deduzido dos campos da física ou da matemática, mas sim pela razão pura, única capaz de perceber um tal Ser primeiro e se expandir da pequena visão de parte desse mundo para inferir a Sua ordem, magnitude, benevolência, sabedoria, poder e onipotência.

Mondim (1997) chega a dizer que quando se sabe que essa providência existe, então não é necessário tentar demonstrá-la, pois a divina providência manifesta-se a vista, não só de tudo o que é visível na criação da arte e sabedoria, mas também do que acontece e se manifesta de maneira organizada.

DEUS COMO CRIADOR NA CONTEMPORANEIDADE

A questão das origens está cada vez mais destacada na atualidade. A origem da vida é o problema mais desconcertante que os teóricos da evolução enfrentam. Os ateístas têm sérias dificuldades em apresentar argumentos convincentes e que atendam ao rigor científico relativo à como a vida pode ter sido originada por si. Qualquer ávido pesquisador pode pensar: “Preciso de muita fé para crer nesses argumentos”. Entretanto os teóricos do criacionismo se utilizam constantemente da lógica, tanto física quanto matemática⁴, para reforçar seus argumentos. Um exemplo disso é apresentado por Roth (2010, p. 241) em sua obra “A Ciência descobre Deus”:

O âmbito de ação e os valores muito exatos das constantes das quatro forças básicas da física certamente não poderiam ter surgido por acaso, embora alguns cientistas tentem sugerir exatamente isso. Sem essas características precisas, não teríamos um universo habitável [...] Se as forças básicas da física fossem apenas levemente alteradas, o Sol e o restante do Universo entrariam em colapso num instante.

Para Schwartzman (2010) no Brasil, 25% da população acreditam no relato bíblico, 59% creem que Deus iniciou o processo evolutivo originando os seres humanos, 8% são ateus, os quais não aceitam o Criador, e sim que todo o processo foi por acaso através de seleção natural, surgindo por fim, os seres humanos.

Azevedo (2004), afirma que o DNA é uma ação passada de uma mente inteligente. Esse cientista e pesquisador cristão declara que o que observamos nos últimos 400 anos

⁴ Abordagem que, geralmente prevalece nos argumentos da ciência

de estudo das células, por milhares de pesquisadores, potentes microscópios, aparelhos ultrassofisticados e ultimamente com o concurso de computadores de última geração, é que a cada nova descoberta, a complexidade, em vez de diminuir, aumenta muito mais! Para ele a aversão egoísta a Deus, que frequentemente vemos na comunidade científica atual, permanece em agudo contraste com a humildade, devoção e respeito a Deus, revelados pelos maiores gênios que o mundo já viu, os quais, no passado, estabeleceram os fundamentos da ciência moderna.

O ponto crítico a se apreciar é que a ordem criada apresenta relações causais que podem assim ser investigadas pelas ciências naturais. As relações causais podem ser investigadas e correlacionadas – por exemplo, na forma de leis da natureza – sem de forma alguma implicar, e menos ainda exigir, uma visão de mundo ateuista (McGRATH, 2008, p. 76).

Segundo Ashton (2010) os cientistas que acreditam na criação formam uma minoria, contudo seu número está crescendo, conforme mostrado pelo número de cientistas que se têm tornado membros de organizações criacionistas ao redor do mundo. Além do mais, diz Ashton, o número crescente de cientistas que acreditaram previamente na evolução, mesmo não se tornando criacionistas, estão descartando os pontos de vista evolucionistas por parecerem inconsistentes com a ciência.

Voltaire (1978) reforçou essa defesa com um argumento intrigante. Ele acreditava numa certa ordem inerente à natureza e a prova desta ordem inerente seria o fim com que cada coisa se relaciona e esse fim comprovaria que existe uma função para cada coisa no universo; que não há arranjo sem objeto, nem efeito sem causa; logo tudo é igualmente o resultado, o produto de uma causa final. A partir dessa ordem inerente da natureza, Voltaire deduz duas provas sobre o atributo de Deus como Criador, as quais resumiriam todas as outras argumentações e também todos os outros escritos sobre esta questão. A primeira prova a ser considerada é exatamente esta ordem do universo e a segunda, o fim com que cada coisa se relaciona.

Admitir o acaso como responsável pelo surgimento dos seres vivos é não aceitar o conceito científico de causa-e-efeito, é um absurdo, pois nada em biologia tem sentido à luz do acaso. *Acaso cego* é uma maneira enganosa de não explicar nada e introduzir um conceito mitológico e mágico, inaceitável sob o ponto de vista científico. O acaso é incapaz e absolutamente incompetente (AZEVEDO, 2009, p. 9).

Miller (2008), em seu livro “Only a Theory: Evolution and the Battle for America’s Sou”, concluiu que, sempre que os biólogos se debruçam em um estudo sobre a ordem natural, se referem a visualização de design em suas explorações. Miller, além disso, ressalta que o corpo humano também exibe evidências de design e exemplifica, nesse sentido, a curva em S da espinha dorsal humana, que permite o jeito ereto de homens e mulheres caminharem. Eu fiz a Terra, diz o Senhor, fiz o homem e os animais, pelo Meu

Grande Poder e com o Meu Braço estendido (Jeremias 27:5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumimos a seguir, as seguintes deduções desse breve ensaio: Dos filósofos da antiguidade abstraímos as seguintes inferências: Deus é o princípio criador do Universo, do mundo e dos homens; Deus é pura razão, é onisciente e onipotente e essa razão, por ser uma essência espiritual, onipresente e onipotente, traz tudo em perfeita ordem e é a única capaz de ter criado o mundo do caos original; há um único Deus, o qual é o início moral no mundo e é a providência que se preocupa com o mundo e com as pessoas; o Universo, ordenado em sua massa material, existiu e sempre existirá tendo como causa permanente a vontade de Deus.

Dos filósofos da Idade Média e Moderna obtivemos as seguintes ilações: O mundo teve um início e foi criado de forma proposital e a partir do ex nihilo, no contexto de um Deus preexistente; O acaso não pode dirigir nada, portanto, Deus é o ser inteligente e criador que dirige todas as coisas para o seu fim; pela contemplação da ordem e disposição estabelecida na natureza, não se pode sustentar outra origem que não seja em Deus; sem o intelecto divino, portanto, nenhum real estaria contido no possível, e não só nada existiria, mas nada poderia jamais vir a existir.

Dos filósofos da Contemporaneidade garimpamos as seguintes proposições: Se as forças básicas da física fossem apenas levemente alteradas, o Sol e o restante do Universo entrariam em colapso num instante; um número crescente de cientistas que acreditaram previamente na evolução, mesmo não se tornando criacionista, está descartando os pontos de vista evolucionistas por parecerem inconsistentes com o rigor da ciência; admitir o acaso como responsável pelo surgimento dos seres vivos é não aceitar o conceito científico de causa-e-efeito, é um absurdo, pois nada em biologia tem sentido à luz do acaso.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ALLEN, Diógenes; SPRINGSTED, Eric O. **Filosofia para entender Teologia**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. IIª Seção da IIª Parte, Introdução e notas das virtudes teológicas por Antonin-Marcel Henri e da prudência por Albert Raulin. São Paulo: Loyola, 2004.

ASHTON, John F. **Em seis dias**: Por que 50 cientistas decidiram aceitar a criação. Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2010.

- AZEVEDO, R.C. **A Origem superior das espécies**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.
- AZEVEDO, Roberto César de. **Genoma: passado, presente e futuro**. São Paulo: Editora Unaspress, 2004.
- BARAQUIM, Noëlla. **Dicionário universitário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. 4. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1998.
- BÍBLIA DE ESTUDO – palavras chave – hebraico e grego; Almeida revista e corrigida, Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BORNHEIM, Gerd. **Os Pré-Socráticos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- BROWN, Colin. **Filosofia e Fé Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1985.
- BUNGE, Mário. **Dicionário da Filosofia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006, p.100.
- CHEMIN, Carlos. **Imemoriais Indagações**. Brasília: thesaurus, 2006.
- DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA**. 13. Ed. Santiago: Editorial Universitaria, 2005.
- DICIONARIO AURELIO**. 5. ed. São Paulo: Editora Positivo, 2008.
- DUROZOI, G.; ROUSSEL, A. **Dicionario de filosofia**. São Paulo: Papirus, 1993.
- GEISLER Norman L., FEINBERG Paul. **Introdução à filosofia**, São Paulo, Vida Nova, 1996.
- GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. **Dicionário de Teologia**. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- KANT, Emmanuel. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
- LOURENÇO, A. **Como tudo começou: Uma introdução ao criacionismo**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- MACLACHLAN, James. **Galileu Galilei: o primeiro físico**. São Paulo: Companhia de letras, 2008.
- MATA, Afonso; QUEVEDO, Franklin. **Diccionario didáctico de ecología**. 2. ed. San José, C. R.: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 2005.
- McGRATH, A. **O Deus de Dawkins: genes, memes e o sentido da vida**. São Paulo: Shedd

Publicações, 2008

MCGRATH, Alister. **O Deus de Dawkins**. São Paulo: Shadd Publicações, 2008.

MILLER, Kenneth R. **Only a Theory: Evolution and the Battle for America's Soul**. Penguin USA, 2008

MONDIN, Batista. **Quem é Deus?:** Elementos de teologia filosófica. São Paulo: Editora Paullus, 1997.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORELAND, J.P. **Filosofia e Cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

NICODEMUS, Augustos. **O ateísmo e outras ameaças ao mundo cristão**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2011.

NOMAN, Geisler. **Introdução a Filosofia: Uma perspectiva cristã**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983.

OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio. **O Deus dos filósofos contemporâneos**. Petrópolis, 2003.

PETROSILLO, Piero. **O cristianismo de A a Z**. São Paulo: São Paulo, 1996.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira pulquério. Brasília:UNB, 1997.

PLATÃO. **A República**. Org. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PLOTINO. **Enéad II: A organização do Cosmo**. Petrópolis: Vozes, 2010

PLOTINO. **Las eneadas** (precedidas de la vida de Plotino por su discipulo Porfirio). Versión castellana de J. M. Q. Vol. I a IV. Madrid: Imp. De L. Rubio, 1930.

PULS, Mauricio M. **Arquitetura e filosofia**. São paulo: Annablume, 2006.

QUINTANILLA, Miguel A. **Breve dicionário filosófico**. Aparecida: Editora Santuário, 1996.

REALI, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

REALI, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ROSSI, Roberto. **Introdução à filosofia: História e Sistemas**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ROTH, Ariel. **A Ciência Descobre Deus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

ROTH, Ariel A. **A ciência descobre Deus: evidências convincentes de que o Criador existe**. Tatuí: CPB, 2010

SCHWARTSMAN, Hélio. **Um em cada 4 brasileiros crê em Adão e Eva**. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo, 2010.

SPROUL, C.R. **Filosofia para iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

STACCONE, Giuseppe. **Filosofia da Religião**. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

TILGHMAN, B.R. **Introdução à filosofia da religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

VIEGAS, Sueli M.M.; Oliveira, Fabiola. **Descobrimo o Universo**. São Paulo: Editora da USP, 2004.

VOLTAIRE. **Tratado de Metafísica**. 2. ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1978.